

TERRA

Semanário Anarquista

LIVRE

N.º 14—1.º ANO

Diretor: PINTO QUARTIM
Propriedade do grupo editor da
TERRA LIVREPublica-se ás 5.ªs feiras
Redação e administração
Rua das Gaveas, 55, 1.ºEditor: JAIME DE CASTRO
Comp. e imp. nas OFICINAS GRÁFICAS
R. do Poço dos Negros, 81

PREÇO 20 RS.

"Terra Livre" apreendida

Por que seria?

Continuam as apreensões de jornais ordenadas pelas superiores e circunspéctas autoridades que acompanham solenemente o prestígio deste país...

Sindicalista, Revolta, Cambada, Revolucionario e outros foram á degola na semana passada. Outro tanto aconteceu conosco. No sabado, apoz dois dias de livre circulação, *Terra Livre* foi apreendida em alguns quiosques e tabacarias. Levaram-nos as sobras...

Logo no sabado de manhã a *terrivel nova* chegou ao conhecimento de alguns cá da redação e de varios colaboradores que muito se interessam pela vida e saude do nosso semanario. Tinham visto nos diarios da manhã ou tinham ouvido dizer a outras pessoas. Mas não percebiam. Não sabiam se a apreensão tinha sido feita ao numero que passara, durante mais de 48 horas, incolume e sereno pelas ruas da cidade, se fôra ordenada com oito dias de antecipação para o numero desta semana... Achavam estranho, é certo, que assim fosse, que se ordenasse a apreensão duma publicação ainda não publicada... e que podia vir, logo que publicada, inclusivamente a fazer caloroso elojo do governo, a render uma sincera homenagem aos seus luminosissimos talentos, á sua bondade infinita e ao seu saber imenso... Achavam isto estranho, certamente, mas admitiam-no como possivel neste país onde quem está em cima faz o que quer e sobra-lhe tempo... De resto, ninguém supunha que se obrigassem os bons pólicias da nossa terra a irem pelos quiosques e tabacarias buscar as sobras sem terem nunca ensejo para desembainharem o chanfallo acariciador do publico...

Ninguém pensava nisso.

A *terrivel nova* circulou (como soe dizer-se em linguagem jornalística de reportagem) com a rapidez com que sempre correm as más novas... E todos, mas absolutamente todos per-

guntavam: *Porque seria? Sim, porque seria apreendida Terra Livre?...*

Conversava-se, discutia-se acaloradamente o caso, o sinistro acontecimento; e, de momento a momento a pergunta surtira: *Porque seria?...*

A redação foi afluindo gente que foi comprando *Terra Livre* e lendo com avidez — pois a apreensão das sobras fez nascer maior interesse pelo nosso semanario. Os exemplares que aqui tinhamos desapareceram dentro de pouco tempo, venderam-se como galinha...

E todos que o levaram perguntavam depois de o haverem lido: *Porque seria?...*

Isto foi de dia. A noite voltámos. Reunimo-nos todos os da redação, todos os da administração, quasi todos os colaboradores e mais uns dois ou tres amigos. A pergunta continuava em todas as bocas, em todos os olhares, em todas as atitudes. *Sim, porque seria?...*

Alguem, com o jornal na mão — tal qual como o chefe do governo com a lei — disse perentoriamente, triunfante que já sabia porque fôra feita a apreensão. Era certo. Não havia duvidas. Fôra por causa do artigo — *O esperanto demolidor de fronteiras*.

Foi uma tempestade. Que não senhor, que não podia ser porisso. Alguns — julgando estar, talvez, em qualquer das casas de S. Bento — desfecharam sobre a mesa murros formidaveis que teriam feito com que certas pessoas chamassem aflitivamente um trem de praça, um qualquer *coupé* 44 que os levasse gloriosamente, para muito lonje...

Serenada a tempestade o orador tentou ainda justificar-se, procurou fazer valer a sua opinião dizendo que aquela frase do artigo — "Logo que a sua propagação esteja suficientemente feita..." — devia ter irrtado sobremaneira o presidente do ministerio, que, por causa da "lepra neo-maltusiana", não deixa que haja outra propagação alem da da especie...

Ficámos abalados durante uns rapidos momentos. Mas logo vimos que não podia ser. Havia de ser por outro motivo. Mas... *porque seria?...*

Fomos fechar a porta para que mais ninguém viesse perturbar-nos. Fechada a porta, sentámo-nos todos em volta da meza e começámos serenamente, pacientemente, a folhear o numero 13 — se ele era o 13!... — em cata do motivo.

— *A criança de mama, talvez...*

— Não. Disso até *ele* gosta... são filhos...

— *E' isto, é isto!* No artigo *Os deserdados* esta frase: "... *passavam pela rua guardadas pelos filhos do povo...*" Vocês estão a vêr... *Os filhos do povo...*

— *Os filhos do povo?* Isso é uma obscenidade! Isso é linguagem despejada... Isto é publicação nefasta...

— Não senhor. Vocês não os tem ouvido dizer que o povo somos nós todos... Então já veem...

— Tens razão, não ha duvida...

— Mas, *porque seria*, então?...

Assim fomos percorrendo os diversos artigos com a maior atenção, com um escrupuloso cuidado. *Sindicalismo e anarquismo, Capital, Pajinas alheias, O Militarismo...*

Factos e comentarios? Tivemos certas duvidas com alguns. *A lepra neo-maltusiana e Será troça?* deram-nos que pensar durante alguns segundos. Neste ultimo, a respeito do preço do pão, dizia-se: "Não. A *Revolta* deve estar mal informada. Porque, de contrario, essa medida podia sair cara ao seu autor."

Mas logo todos concordámos que não fôra isto. Então o quê? *Porque seria?...*

O "fundo"? Mas era inofensivo!... Uma serena apreciação dos factos, uma critica forte mas sem palavrões; e verdades, muitas verdades, só verdades... *A en tête?* De maneira nenhuma! Um confronto, um mero rejisto historico, o confronto entre duas épocas, entre a situação da ditadura franquista e a situação Afonso Costa! As suas semelhanças e diferenças.

Não, não podia ser.

O inigma continuava quando o administrador do nosso semanario levantando-se como um iluminado e estendendo o seu

braço pombalino, disse fortemente, quasi gritou:

— Foi o *espediente!*

E' possivel realmente que fosse este o motivo da apreensão das sobras... E, como o caso pode, portanto, vir a repetir-se, nós diremos simplesmente aos que se interessam pelas nossas ideias e pelo nosso semanario que *Terra Livre sairá sempre* e que, procurando-a bem, *sempre a hão-de encontrar e poder ler.*

DO NATURAL

E entramos, enfim, no velho jardim abandonado. O dia declinava. Escorria uma tinta de oiro sobre as antigas arvores veneraveis. Uma minúscula nuvem muito branca vogava no azul moribundo como um tenue filete de espuma. A espaços, rapidamente, um bater de azas cortava o pesado silencio do velho jardim abandonado. Errava no ar sereno e diafano um inebriante perfume de violetas. A relva e o musgo invadiam inteiramente as aleas austeras e solitarias. Grandes lírios roxos, duma beleza eraldica e solene, punham nos canteiros devastados uma nota de tristesa e de luto.

Uma estrela fulgurou de subito, como uma gota luminosa, na divina pureza do ceo. A noite chegava. Tinhamos encontrado, enfim, sob um prodigioso docel de grandes rosas languidas e aromais, duma brancura nupcial, um largo banco de marmore. Sentámo-nos, vagamente cansados. Proximo, um antiquissimo fauno mutilado espreitava-nos de entre a folhagem opulenta e misteriosa com o seu eterno e franco sorriso de concupiscencia e de amor...

Uma luz de cinza invadia as aleas austeras e solitarias. Aves noturnas surtiam, num rapido vôo abafado, dos seus asilos de sombra. E a sua voz elevou-se então, melodica e triste, no religioso silencio da noite que descia. E a longa confissão das suas torturas intimas, das ferozes recriminações da sua familia, brotou uma vez mais dos seus labios de veludo e purpura, entrecortada de punjentes palavras de renuncia. O nosso amor era maldito de todos...

— «Bem vês... Deus assim o quer!»

Os olhos, — os seus grandes olhos celestes, límpidos como um cristal, — encheram-se-lhe de lagrimas; um grande soluço doloroso abalou-lhe de subito o seio redondo e palpitante, de onde irradiava um penetrante perfume de ciclamen.

— «Deus assim o quer!»

E ficou-se de uma lividês de alabastro, cheia de angustia, clhandó-me através do pranto violento das suas pupilas azues, torcendo com desespero as mãos afiladas e palidas, de uma macieza de arminho. Sob as rosas languidas e brancas, imovel na luz moribunda do crepusculo, naquela estonteante atmosfera de aromas, silenciosa e desolada no recolhimento das suas penas profundas e sem remedio, lembrava essas dolorosas Virjens admiradas, entre flores graciosas, na penumbra das grandes e taciturnas catedrais...

Então, numa altiva jasmurção de todo o meu ser, tomei-lhe a linda ca-

E estás tu a duvidar da má fé do legislador! Vejamos agora a ciência.

—Tambem ela vos é roubada? inquiriu Anibal surpreso.

—Tambem! Pois que é se não *roubo* que nos fazem impedindo que aprendamos a conhece-la? esforçando-se por que ela não passe do conhecimento dos privilegiados? perseguindo todas as descobertas ou novas teorias que venham aluir o edificio de falsidades em que a sociedade se firma? e só as aceitando a essas teorias em descobertas quando já não podem contrariar a sua expansão na massa do povo? mas então procurando desviar em exclusivo proveito da classe parazitaria que tu representas, os beneficios provenientes de tais descobertas ou teorias? impinjindo ao povo, propositadamente mantido na ignorancia, que é uma conclusão científica indiscutível rejerem-se as sociedades humanas pela lei feroz—a luta pela vida—que governa todo o reino animal e que portanto é *natural* pertencer a vitoria ao *mais forte* e *fatal* por isso mesmo a divisão das sociedades em pobres e ricos, educados e incultos, trabalhadores e ociosos, produtores e parazitas, escravos e senhores? Queres maior e mais infame roubo? maior falsificação da verdade científica? maior ultraje á alma injenua do povo? E ainda tu chamas ás minhas criticas, manifestações da minha... *neurasténia!* Queres agora ouvir a minha resposta á tua pergunta de ha bocado? *se tambem tu roubas?*

—Não! não! obrigado! estou ciente! Pela forma como encaminhas as tuas ponderações, estou já convencido... de que sou um *grande ladrão!* Adeus! tenho de ir jogar na Bolsa... outra ladroeira...

E a rir, separou-se de Rodrigo.

José Carlos de Souza.

NOTA — O artigo anterior desta secção assinado R. C. Júdeice é original do autor do presente e os factos que nele foram espostos, são absolutamente verdadeiros, havendo nêles só a ocultação de nomes e localidades por o conhecimento destes em nada interessar os principios.

Os deserdados

III

O fim do homem é ser independente, livre e sincero. E' assim que nós devemos ser.

Ibsen.

A crise de trabalho é a fome imposta pelo explorador, para que no mercado se note a falta do artigo afim de elevar o seu preço pela escassez; e o operario habituado ao jugo e chicote, embora nas *folgas* obrigadas tivesse que comer, morreria de tédio e aborrecimento,

sem, com tudo, se livrar do laço de madrião que lhe assacam os prodigos esbanjadores da produção alheia.

Falha-lhe o trabalho, aliaz, mortifero, e êle, como o inabilitado atirado pela força das circunstancias para os mian-dros da indijencia, curva-se, empenha-se, humilha-se, submete-se, recalando a sua dignidade, violentada pela conservação propria e dos seus que fenecem nos tóscos casabres insalubres, anti-hejienicos e abafadiços, refratarios aos raios do sol vivificador.

Triste e miseranda é a sua situação!

E o burguez-capitalista *piadoso e magnanimo* faz a concessão graciosa do trabalho; mas *como tem perdido muito e não vende o artigo*, abate quanto póde ao salario, aumenta o numero de horas de labor e reduz o infeliz ao macimo do infimo, escudado na teoria dos seus economistas que dão como rasão de pezo a baixa de preço em qualquer genero alimenticio ou mercadoria o escêso de produção; isto por um lado, pois que, de facto, êles, diminuindo o salario e aumentando o horario, eizjem ao produtor mais e melhor!

E' parodocal, mas é a realidade dos factos, da ciência dos numeros sem subterfujios, sem sofismas.

Falai ao explorador em dignidade, em sentimentalismo humanitario, e êle rir-se-á, julgando que é o mais humano dos seres quando, afinal, êle, destruindo ou deixando apodrecer os generos ou os artefactos indispensaveis á humanidade faminta e esfarrapada, é, indiscutivelmente, inconfutavelmente, um criminoso, fautor principal e primordial do pauperismo, o fenomeno *miseria-social* derivado da organização pessima, estúpida, repugnante e anti-natural da sociedade, baseado no direito romano, no fenomeno religioso, no sistema politico-economico-burguez cuja mecanica propria ocasiona o desequilibrio social num meio artificial que impede ao homem a livre expansão ás suas necessidades fisiologicas, intelétuais e morais.

O progresso operado nos meios produtivos pelo aperfeiçoamento prodijioso e constante da mecanica e da técnica, aumenta tanto a produção quanto diminue o esforço do homem, atenta uma cultura intensa auxiliada pela quimica.

Emquanto, porém, persistir a hejemonia burgueza atuando sob o seu sistema politico-economico-juridico, o proletariado nada conseguirá de positivo e todos os sistemas reformistas limitar-se-ão a paliativos para adormecer os trabalhadores perpetuamente ludibriados e iludidos na sua candida injenuidade.

E, pela astucia, o politico, o burguez, o capitalista, tornou

o trabalhador apatico, fatalista, indigno, abjeto, incapaz de agir livremente, antes se entre-tendo a discutir superfluidades, aniquilando-se, sem forças, sem vontade, temendo a ação, olhando o caminho da Vida que se apresenta escabroso, cheio de espinhos, intransitavel.

Não é um homem: é um automato!

Obediente, submete-se passivo ao explorador; fanatico, curva-se reverente ante os fetiches; honrado, inflama-se-lhe o coração ao escutar os estridulos canticos das fanfarras em apoteoses, patrioticas; servil, ajoelha ante a magistratura

togada, e não togada; analfabeto, vai á urna manifestar a sua liberdade de *voto*; mendigo, estende a mão á caridade pública, como ultimo refugio depois de algumas dezenas de anos dum trabalho continuo.

Êle é a força motriz, a escora e combustível da sociedade. Êle sendo tudo não é nada: os prejuizos de que está imbuido reduziram-no a estrato de zero raivosamente sublimado.

Êle é a fome! Ele é a dôr! Ele é a miseria!

Gulphilares, 1913.

Manoel Lulz da Costa Junior.

Importante

A todas as pessoas e colétividades a quem enviamos o nosso semanario e que não queiram auiliar-nos com a sua assinatura, pedimos que no-lo devolvam, com a respectiva cinta, antes da publicação do número seguinte, de contrário considera-las-emos como nossas assinantes.

TERRA LIVRE

Semanário anarquista

(Publica-se ás quintas feiras)

Orgam de luta social e economica.—Tribuna amplamente aberta ás reivindicações dos trabalhadores.—Análise e comentarios dos factos capitais da vida social e politica portugueza.—Desenvolvimento noticiario do movimento operario internacional.—Desenhos e caricaturas demolidoras.—Concursos scientificos e inqueritos para o conhecimento do problema economico e social da rejião portugueza.—Correspondencia da provincia e do exterior.—Secções de ciencia, filosofia, arte, educação, literatura e critica.

Corpo redatorial:

Carlos Rates—Neno Vasco—Pinto Quartim—Sobral de Campos.

Colaboradores:

Adolfo Lima—Afonso Manaças—Araujo Pereira—Aurelio Quintanilha—Bel-Adan—Campos Lima—Clemente Vieira dos Santos—Emilio Costa—Gaspar dos Santos—Humberto de Avelar—Ismael Pimentel—José Bacelar—José Benedy—José Carlos de Sousa—Manuel Ribeiro—Edmundo d'Oliveira e outros.

Condições d'assinatura

(Pagamento rigorosamente adiantado)

Para Portugal, Espanha, ilhas e colonias portuguezas

(Incluindo o importe do correio)

1 mês (só para o continente) 100
3 meses..... 300
6 meses..... 500
1 ano..... 1\$000
Numero avulso..... 20
Pacote de 50 exemplares (fora o porte do correio) 500

Para o Brazil (moeda fraca)

(Incluindo o importe do correio)

6 meses..... 2\$400
1 ano..... 4\$800
Numero avulso..... 100
Pacote de 50 exemplares. 2\$500

Extérieur

Trois mois..... 2,50 fr.
Six mois..... 5 »
Um an..... 10 »
Prix du numéro..... 0,25 »

Não se satisfazem pedidos de assinaturas que não venham acompanhados da respectiva importancia em *ordem postal* ou estampilhas continentais. Quando a cobrança tiver que ser feita pelo correio acresce a despesa correspondente.

Pedimos a todos os nossos leitores e amigos que façam a maior propaganda ao nosso jornal.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA DAS GAVEAS, 55, 1.º
LISBOA

Ajentes aceitam-se onde ainda os não haja
"Terra Livre" encontra-se á venda nos principais quiosques e tabacarias

O governo e os sindicalistas

Uma circular do governador civil de Lisboa destinada aos administradores do concelho ou um documento que põe a descoberto as ferozes intenções da autoridade e a pobreza intelectual das classes dominantes

Que o governo e os seus subordinados, fieis e cegos executores das suas ordens, se tinham proposto — como se isso fosse possível!... — aniquilar o sindicalismo em Portugal, já nós sabíamos muito bem. As suas perseguições sistematicas aos militantes e a sistemática insinuação ou afirmação nunca provada de que os sindicalistas tem entendimentos com os varios conspiradores politicos, ou que estão mercadejados pelo seu ouro, são factos bastantes para nos trazerem e a toda a gente a convicção de que é essa a grande preocupação governamental.

Sim; é essa a grande preocupação deste governo, como, de resto, tem sido a dos que o precederam. O movimento operario apavora-os e procuram esmagá-lo por todas as formas, sem a menor escolha de processos.

O actual governo refina no ataque e usa de todas as armas. Começou pela *celebre* conferencia do presidente do mi-

nisterio, na Imprensa Nacional — a mísera e estafadissima «sebenta» que cobrio de vergonha o seu papagueador — e seguiu depois por uma séria intermina de violencias e arbitrariedades sem nome.

Mas o que tem sido feito na sombra é muito pior. Parece ezistir um verdadeiro *complot* governamental contra o sindicalismo. Ha dois ou tres dias, foi-nos enviada, pelo correio, uma circular do governador civil de Lisboa aos administradores do conselho e que abaixo publicamos. E' natural que os outros governadores civis tenham feito por sua iniciativa — e mais provavelmente por ordens superiores — semelhantes ou eguais circulares aos seus administradores. E quando assim eles se apresentam em circulares impressas, que estranhas manobras não haverá, que ordens ferozes e comunicações terríveis se não farão secretamente?!...

Segue o curiosissimo documento:

GOVERNADOR CIVIL
do
DISTRITO DE LISBOA

1.ª Repartição
N.º 11

SERVIÇO DA REPÚBLICA

Ao sr. Administrador do Concelho de...

Circular

Sendo obrigação das autoridades administrativas e policiaes, não só investigar os factos criminosos, mas também evitar a sua pratica, pela oportuna applicação das medidas preventivas — esta obrigação avulta quando se trata de delictos contra a ordem publica ou social, visto que é mais demorada e extensiva a respectiva preparação, e portanto, mais facil a sua descoberta.

Entre os elementos perniciosos que estão lezando a tranquillidade publica, tão necessaria neste periodo de reconstituição nacional, assinala-se a propagação dissolvente dos chamados **sindicalistas**, os palavrosos agentes duma seita subversiva e anormal que adota a **ação directa**, ou seja a violencia e o crime, como processo edoneo para alcançar de subito numa mutação de majica, um estado social de nivelamento economico — utopia grosseira e sangrenta que os proprios secuazes não compreendem e que nada tem de comum com o futuro equilibrio economico e social a que todos aspiramos.

Alem da **grève geral**, arma de dois gumes que, ainda que fosse possível, feriria com igual crueldade operarios e patrões, proletarios e proprietarios — proclamam os sindicalistas a eliminação imediata do ezercito e de todas as instituições da força publica, fomentando a indisciplina entre os soldados e prégando o anti-patriotismo, ou seja a inversão odiosa do nobre e natural sentimento de nacionalidade.

Foi para atalhar os pessimos efeitos desta desorientação cívica que se promulgou a lei de doze de Julho de mil novecentos e doze, que dispõe o seguinte:

«Artigo 1.º — Aquele que por qualquer meio de propagação tendenciosa ou subversiva, verbal ou escrita, pública ou clandestina, aconselhar, instigar ou provocar os cidadãos portugueses ao não cumprimento dos seus deveres militares, ou ao

cometimento de atos atentatorios da integridade e independencia da Patria, será punido com a pena de prisão correccional de trinta dias a um ano e multa de 50 a 500 escudos.»

«§ unico — Se do conselho instigação ou provocação se seguir qualquer efeito, a pena será aquela que, pela legislação em vigor cabe ao ezeutor, e, não a havendo será, a um e outro agente do crime, applicavel pena de prisão correccional de um a dois anos e multa de 500 a 2.000 escudos, devendo, todavia, agravar-se a pena de prizão no caso de reincidencia, nos termos das leis vijentes.»

«Artigo 2.º — Aquele que, sendo empregado de Estado ou de qualquer corpo ou corporação administrativa, cometer algum dos crimes previstos no artigo anterior e for condenado em qualquer pena, incorrerá na disposição do n.º 1 do artigo 76 do Codigo Penal.»

«Artigo 3.º — A autoridade administrativa ou policial poderá apreender quiesquer escritos, impressos ou publicações que aconselhem, instiguem ou provoquem os crimes previstos e punidos no artigo 1.º.»

«§ unico — Aquele que vender, espuser á venda ou por qualquer forma distribuir ou espalhar tais escritos, impressos, desenhos ou publicações, quando forem clandestinos, incorrerá nas penalidades do do artigo 1.º e seu § unico, conforme os casos.»

Recomendo por isso a inflexivel applicação deste diploma cumprindo-lhe manter-se vijilante e intervir rapidamente em todas as ocorrencias, fazendo inqueritos, levantando autos e participando a este Governo Civil a captura dos arguidos que forem achados em flagrante delicto, a fim de eu propor a a sua refoção para Lisboa, nos termos e para os efeitos dos artigos 1.º e 3.º do decreto de 15 de Fevereiro de 1911.

Saude e Fraternidade

Lisboa, 5 de Maio de 1913.

O Governador Civil

Que representa tudo isto? Uma maldade sem limites? Uma absoluta ignorancia do que seja o sindicalismo e do que prégam os seus militantes? Não sabemos. Talvez ambas.

A lição que o senhor governador civil dá aos «meninos» administradores!...

Para a maldade não encontramos ainda suave remedio... Para a imensa ignorancia revelada temos folhetos de varios autores e os livros dos grandes pensadores e homens de ciencia das ideias libertarias.

Que os administradores do concelho que *queiram apren-*

der, se nos dirijam, que prontamente lhes serão enviados os *compendios* para a *escola*...

Quanto ao senhor governador civil de Lisboa, que dispa as suas vestes de autoridade e que venha, *sem medo*, até á redação da «Terra Livre». Cá encontrará também onde estudar.

Começámos a serio e acabámos assim... E' que, francamente, é impossivel *aqui* manter o serio. Neste país, neste delicioso *jardim da Europa á beira mar plantado*, com gente desta, tudo anda mordido pelo ridiculo, descamba tudo em *revista*...

O que é a ação directa

Leão Jouhaux, um dos secretarios da C. G. T., publica na *Bataille Syndicaliste* do dia 9 o seguinte:

«No seu artigo de ontem, a *Humanité* dá como titulo a um artigo da primeira pajina. «As sufragistas inglesas continuam a ação directa.» Em seguida vimos a saber, não sem espanto, pelo texto do artigo, que o que a *Humanité* chama «ação directa» é muito simplesmente o incendio das igrejas, as ameaças de envenenamento de animais caros...

«Hão de reconhecer que é forçar um pouco a nota querer fazer acreditar que se trata aqui de «ação directa».

«Por ação directa entendem os sidicalistas a reacção dos trabalhadores sobre si mesmos

e sobre o meio; a sua elevação a uma compreensão mais ezata do seu papel e da sua função; a negação de qualquer providencia, tanto da do estado como da do patrão.

«A ação directa, obrigando os operarios a agir por si mesmos, cria iniciativas e vontades; desse modo eleva as individuaes e faz d'elas elementos de progressos. O que é o contrario d'aquilo que a *Humanité* faz supor.»

Se Jouhaux vivesse em Portugal, então é que não lhe faltariam motivos como esse de espanto e de protesto. Cá, a cada passo os escribas, os politicantes e os pseudo-economistas deturpam as ideias de ação directa, de greve geral, de sabotagem, etc., chamando depois «grosseiros» aos realmente grosseiros produtos da sua ignorancia ou da sua má-fé.

ano; a dos mineiros do distrito de Kanava. Durante ela, houve a cada passo revoltas e colizões sangrentas entre os grevistas e os *pinkertons*, policia particular dos patrões.

NA ITALIA

acaba de se fazer uma greve pouco banal: a dos policia da cidade de Pisa. Os mantenedores da ordem quizeram, com esse ato, protestar contra a lentição empregada pela camara municipal em lhes conceder as modificações que eles desejavam ver introduzidas nos regulamentos. As autoridades pediram aos policia em greve que entregassem a ferramenta do officio — isto é, as armas, — mas os cerberos da Ordem burguesa não quizeram desfazer-se dos seus instrumentos de trabalho...

Até a policia!

GARESTIA DA VIDA

A questão do pão

Conferencias, entrevistas, alvitres, tudo surtiu em redor desta questão; todos falaram: industriais, padeiros, operarios, mas o pão, o pão barato esse não apareceu.

Barafustaram contra a lei dos cereais, contra a industria de padarias e sobre tudo contra a moagem, mas eles, padeiros, moajeiros e lavradores, esses continuaram e continuarão a gosar os largos proventos que lhes deixam os seus meios de exploração.

Seria por falta de corajem dos escrevinhadores, dos entrevistados ou dos portadores de alvitres que nada se fez, ou é facto que a solução do assunto é inezequível?

Não, parece que não. A questão pode ser muito bem resolvida. O que falta é estudá-la desinteressadamente; mas isso é tarefa demasiado enfadonha para capitalistas ou industriais, jornalistas ou *alvitreiros*.

Quem está apto então para tratar do magno assunto, perguntarão?

Está claro que as pessoas que o conhecem, os que manipulam pão; mas esses têm os seus interesses ligados ao que aí está, a essas *leis de protecção á lavoura e á industria*. Se nesses pontos frizam desinteresse, noutros justificam explorações de que vivem; reconhecem que não era assim que deviam proceder mas não têm corajem de romper com o meio; nasceram e encontraram o mundo assim, assim o compreenderam e ninguém lhes fará pensar diversamente: «Se eu assim não fizer, dizem eles, fará o meu visinho». «De que serve pois arvorar-me em vítima?»

E é por isso que muita gente boa sabe que a lei dos cereais é uma calamidade que a ninguém aproveita e prejudica o povo, mas todos estão de acordo que ela deve existir. Se essa lei não existisse teriamos em Portugal a concorrência do trigo estrangeiro que é melhor e sae mais barato que o trigo nacional; mas ha essa lei de

protecção, e o trigo ezotico é tributado numa ezorbitancia a ponto de não ser possível importa-lo.

Dizem que morreria a lavoura porque ninguém semearia trigo e o trabalhador rural seria obrigado a abandonar a terra. Mas se é isso que nós vemos a despeito de toda a protecção! O trigo é pouco e os campos de trigo são aproveitados para vinha, apesar do elevado preço porque se paga esse cereal. E o trabalhador luta terrivelmente com a miseria que lhe invade o lar porque lhe pagam pouco e não chega nem para pão!

A quem aproveita, pois, essa lei?

Ao lavrador rico, ao lavrador parasitario que arrenda as terras, porque o lavrador que trabalha, o rendeiro, o lavrador pequeno, esses não enceleiram o trigo, não o dão ao manifesto, porque antes de o colher já devem o seu valor ou parte dele, os credores vão-lh'o buscar e eles o entregam porque não querem ficar mal. E assim o cereal que por tabela vale a 700 réis ou 730 cada 14 litros, é vendido ao açambarcador ou á moagem por 600 ou 640 réis.

Lucrou a lavoura? Não, é claro, quem lucrou foi o parasitismo, a exploração.

Para quê, pois, essa lei?

E quem ha aí que governe, que faça leis ou as derogue, que isto desconheça?

Muito poucos... muito poucos? nenhuns, é que é, e fica, certo.

Portugal é um país agricola e toda essa gente do supremo mando tem lavoura ou interesses na lavoura, com muito raras excessões.

Mas isto que se dá com o trigo dá-se tambem com muitos outros generos de primeira necessidade: com a fava, com o milho, aveia, cevada, carnes, azeites, etc.

E só o povo, só o povo será capaz de fazer algo de util nesse sentido, pondo-se de pé e fazendo ele proprio o que os governantes nunca terão corajem de fazer. Enquanto assim não proceder ha-de continuar a sofrer o peso das leis de protecção e dos *trusts*. Convençamo-nos disso e ponhamos de parte todos esses sofrimas com que nos tentam enganar e roubar, enquanto eles se enriquecem zombando da nossa eterna ignorancia nesses assuntos.

C. J.

Sob a lei da imprensa

A nova lei ainda não está em vigor, mas não a receio; escreverei como sempre tenho escrito; as leis podem mudar: a minha vontade, os meus principios, a consciencia dos meus direitos, não se modificam, porém, perante ameaças legais ou ilegais. — *João de Menezes*. — 1908.

Madeleine Vernet

AMOR LIVRE

II

Assim, o casamento, o amor, o desejo são tres coisas absolutamente distintas:

— O casamento, é a cadeia que retém o homem e a mulher prisioneiros um do outro;

— O amor, é a comunhão integral dos dois;

— O desejo, é o capricho de duas sensualidades.

Deixo o casamento, do qual sou adversaria figadal, para voltar á questão do amor livre.

Disse já, que o amor deve ser inteiramente livre, tanto para a mulher, como para o homem e acrescentarei ainda: o amor não pode na verdade existir senão sendo livre. Sem a liberdade absoluta, o amor dejenera em prostituição, seja qual for a fase que ela tome.

Não é o facto de vender o seu corpo por um preço mais ou menos elevado a uma numerosa clientela, que constitue a prostituição. A prostituição não é apenas o apanajo da mulher, o homem tambem se prostitue. Esse prostitue-se quando, na mira dum interesse qualquer, dá as suas caricias sem que para isso o coração o chame.

O casamento legal não só é uma prostituição quando significa a especulação d'um dos dois esposos sobre o outro, mas tambem o é porque a virjem ignora o que faz casando-se.

Quanto ao dever conjugal não é mais nem menos ainda do que prostituição.

Prostituição, a submissão ao marido; prostituição, a resignação e a passividade.

Prostituição se chama propriamente á união livre quando ela passa de amor a habito.

Prostituição emfim, tudo o que aproxima os secsos independentemente do desejo e do amor.

*

Uma das razões pelas quais o amor deve ser livre em absoluto, é precisamente esta conjugação do amor e do desejo em que ha pouco falei, pedindo que não surjam confusões entre estes dois termos.

Racionalmente, poderão dois entes contratar a sua eterna união quando lhes é impossível saber se a podem manter?

Haverá acaso o direito de ligar dois elementos, quando se ignora que afinidade existe entre eles?

No casamento legal ha sempre uma enganada: a mulher, e algumas vezes um desiludido: o marido, que não encontra na esposa aquilo que ele julgava adinhar nela. No entanto eilos eternamente unidos.

E mesmo, o casamento pode ter tido por base o amor reci-

proco, e dejenerar no fim de um determinado tempo num fardo pesadissimo para os dois conjuges. E' que este amor não significava mais do que a posse; e se os dois esposos a ela se tivessem entregues antes da legalização, a esperiencia dir-lhesia que eles não tinham nascido um para o outro, que á vida comum não lhes trazia a felicidade e implicitamente o casamento não se teria feito. Isto é uma irrefutavel prova em favor da necessidade do amor livre.

O amor pode nascer dum desejo, mas não é possível nunca, afirma-lo. Quando o amor chega aos sentidos depois de ter passado pelo coração e pelo cerebro, tem muitas probabilidades de duração; mas logo que ele tem por base sómente o desejo secsual, raras vezes ele ganhará o cerebro e o coração.

Emfim — visto que eu faço um estudo analitico, devo ir até ao fundo da verdade — eu direi que o desejo secsual, só, pode unir por longo tempo dois entes sem jamais ter feito entre eles nascer o verdadeiro amor.

Um homem e uma mulher podem ter relações intimas, sem nunca se aproximarem por outra coisa que não seja o amor secsual. Os seus sentimentos e os seus pensamentos podem estar em perfeito desacordo e as suas carnes vibrarem para a união.

E isto — prezo-me de o ter observado — não pode de forma alguma ser comparado á prostituição, pois que o sentimento que aproxima estes dois individuos — ainda que exclusivamente secsual — é sincero de parte a parte. Não pode haver prostituição senão onde existe a venda, contransenso, ignorancia ou passividade. Ali não se dá esse caso, pois que os dois amantes são lançados um para o outro por uma mesma sensação encontrando prazer e satisfação na sua ligação livremente aceite quer por uma, quer por outra parte.

Mas a veracidade do que acabo de espor traz a condenação da monogamia.

Com efeito, da diversidade dos sentimentos nasce a diversidade de desejos, e se se admite esta diversidade como lei essencialmente natural, não se pode admitir a lei monogamica. A monogamia é ainda um genero de prostituição: prostituição do homem para a mulher e da mulher para o homem.

Não podem pois existir sobre esta questão da vida secsual individuos senão com uma moral e uma lei para os dois secsos: a liberdade absoluta do amor.

REVOLTAS

dum neurastênico

ESTA SOCIEDADE...

II

A união da carne não podendo ser rejida por uma unica regra, identica para todos os individuos, não sendo submetida a nenhuma lei determinante imutavel, não deve, por conseguinte, criar deveres, nem constituir direitos, se se pretende conservar ao amor a sua inteira liberdade.

Não é o ultimo ilojismo a palavra «dever» ligada á palavra «amor»? Não se sente já toda a ironia nesta frase dos livros de moral infantil: «O primeiro dever duma creança é amar os seus pais?!»

Não se diz tambem na moral corrente: — «A mãe deve amar os seus filhos; — a mulher deve amar o seu marido?»

Puro escarnio: O amor, seja qual for a ordem a que pertença, poderá ser um dever? Não é sob todos os pontos de vista natural que a criança adora a mãe que a criou; que a mãe adora a criança que tantos sofrimentos e amarguras lhe custou, e que é uma querida recordação das ternas caricias recebidas? Não é ainda natural que a mulher ame o companheiro que escolheu, o amigo que lhe cultivava a sua vida de mulher? Se uma criança não ama sua mãe, se uma mãe não ama os seus filhos, se uma mulher não ama o seu companheiro, que se poderá fazer? Nada. Todas as sentenças dos codigos, todas as reclamações morais e religiosas serão impotentes para fazer nascer o amor, desde que ele não seja natural.

Assim como ele não pode criar deveres, não poderá fazer nascer direitos.

O direito do marido sobre a mulher, o direito da mulher sobre o marido, é uma opressão; e a opressão mata o amor. O escravo não pode amar o seu patrão; ele não pode senão temel-o e procurar a sua perda.

O facto de uma mulher amar um homem e oferecer-se-lhe, não deve dar nenhum privilegio a este homem sobre esta mulher; e assim o facto de se ter oferecido não dá a esta mulher uma razão d'autoridade sobre o seu companheiro. Livres antes de se conhecerem, tendo-se amado livremente, ligados livremente, o homem e a mulher devem continuar livres depois da ligação, quando o verdadeiro desejo os não atraia, e o amor deixe de os juntar.

Resumindo pois todo este estudo, eu concluo:

— O amor deve ser integralmente livre; não ha lei nem moral que possam reje-lo ou ajuda-lo, seja sob que ponto de vista for;

— Nenhuma diferença deve ser feita entre os secsos, no que respeita ao amor;

— Emfim, as conjugações secsuaes não devem criar rentre os individuos, nem obrigações, nem deveres, nem direitos.

— Mas tu, Rodrigo, tens um modo de vêr tão especial de dessa forma, provocas a antipatia dos homens e difficilmente, se não com absoluta impossibilidade, poderás viver satisfeito.

— Bem sei! Anibal! bem sei! E' o estafado argumento de quantos se sentem alvejados pelas criticas dos que toda a sua vida procuraram conciliar os seus atos com as suas palavras, e que espoliados em toda a linha, não se julgam felizes por se verem acompanhados na desgraça por outros tanto ou mais desgraçados do que eles; antes se revoltam contra a espoliação que vítima a maioria dos homens, contra a organização social que produz destas injustiças e destas infâmias.

— Ora! o mundo não é tão mau como tu o pintas... O que te faz falar é a tua neurastenia... E's um doente, Rodrigo!

Tambem sei isso! Vocês chamam-me neurastênico.

Tudo isso, porém, todos esses qualificativos, com que vocês me *mimoseiam*, não destroem as verdades amargas que este *doente*, este *feito especial*, este *neurastênico* vos atrai á cara. Élas queimam, estas verdades! e não tendo melhores argumentos para as refutar, vocês chamam-me... neurastênico e... voltam-me as costas...

— Parece-me, redarguiu Anibal formalizado, que nunca te desprezei, Rodrigo.

Não, sem duvida, assentiu este, sorrindo bondosamente e cortejando com dignidade.

Mau grado a diferença de opiniões e os estados de fortuna, tu rico e eu pobre, és meu amigo. Mas tu és um representante da classe espoliadora e eu uma unidade da incomensuravel falanje dos espoliados; e assim, não é ao amigo que arremesso as minhas apóstrofes, mas á classe que nele vejo.

Ora estava eu dizendo, no principio da nossa conversa, que a organização social é tão contrária á razão e á natureza, que o homem de bem, verdadeiramente digno deste nome, só mui difficilmente pode manter-se e manter os seus.

Dotado de eguais necessidades ás do maior patife, acha-se coacto na satisfação delas.

Vê-se privado, roubado de todo o necessario e isto porque tudo na sociedade denota o latrocínio como a unica via que leva ao gozo de todos os

bens da terra. Rouba-se o alimento; roubam-se as ferramentas; roubam-se as máquinas; rouba-se a terra; rouba-se o direito; roubam-se os inventos; rouba-se a ciência; rouba-se tudo! E só assim, uma maioria incapaz de produzir, tem a posse de tudo quanto existe e se produz.

— Isso é levar muito lonje as tuas conclusões! Roubar! Então eu tambem roubo?

— Eu, responderei, na devida altura, a essa tua pergunta. Entretanto vae vendo estes ezemplos e tira, por tua vez, as conclusões...

— Sou todo ouvidos! ou antes, todo *olhos*, visto me teres recomendado que fosse vendo, não é assim?

— Os olhos pelos quais tens de vêr, são os do espirito...

Mas vamos ao caso: Um comerciante ajusta os seus empregados por certo numero de horas e ezije deles excesso de horas de trabalho sobre as ajustadas, sem lhas pagar; fá-los, noutras condições, todo o dia mourejar em beneficio dele, privando-os do ar livre, das refeições socegadas, do alivio do cerebro, do descanso dos olhos, etc., etc., e isto durante meses e anos, uma vida inteira; e enriquecendo de ano para ano, ou satisfazendo plenamente as suas necessidades físicas, morais e intellectuais, não repartiu com os seus colaboradores o suficiente ao menos para eles viverem e não vejarem. Como se chama isto?

— Condições do salario, meu caro! respondeu Anibal. De contrario para que serviria ter um escritorio aberto ou um armazem?

— Eu chamo lhe roubo. Prosigamos: Esse comerciante comprou por certo preço um artigo, a maior parte das vezes de primeira necessidade; vende-o por 3, 4, 5, 10 vezes o seu custo; compra na baixa e vende na alta; provoca a sua falta no mercado; sónega-o, destroe-o mesmo em parte para aumentar a procura e assim poder elevar o preço da venda.

Se é commissario, alteia os preços dos artigos comprados por conta do cometente, carga as despesas em que incorrem, inventa mesmo, se é possível, outras despesas tudo para que a sua comissão lhe venha aumentada, lezando assim duas vezes o seu representado: no aumento dos preços e das despesas e no excesso da comissão. Que nome tem isto?

— Negocio! é dos livros! respondeu Anibal.

— O nome é *roubo!* redarguiu Rodrigo. Mas continuemos:

O industrial, o financeiro, etc., leem pelo mesmo breviar, espoliando o seu pessoal nos seus salarios, seus ordenados, ezijindo o macimo de produção e esmagando esse pessoal com multas e estorsões de toda a casta e pretêsto de

disciplina; e espoliando tambem o consumidor por meio de todas as intrujices possiveis e imaginaveis. Que é isto tudo?

— E' a ordem do mundo, meu caro! isto é assim, sempre foi e ha de ser! E está a coberto dos codigos!

Seja tudo quanto quizeres.

Quanto a mim, é ainda o roubo. As máquinas, as ferramentas que são *directamente* o produto do trabalho de quem as inventou ou aperfeçoou mas que *indirectamente* são tambem o resultado do estudo e actividade da gerações anteriores que preparam a mente do inventor e o meio que o cerca — estão na posse de alguns homens que impediam todos os outros de fruirem os beneficios de tais inventos.

Porquê?

— Boa pergunta! pois se as compraram...

— Com o dinheiro estorquido aos que trabalham.

— Não! com o dinheiro ganho! observou Anibal.

— Ganho á face dos codigos e convenções da vossa classe. No fundo, o que ha é ainda o roubo! replicou Rodrigo com veemencia.

E continuou:

— E chegando aos codigos, ás leis, aquilo que se diz ser o *direito* de todos os homens, vemos que o homem probo, o homem leal e honrado, aquele que tomou a sério a letra dos codigos, se acha ainda aí roubado; pois, convicto de que a lei é, conforme lhe fizeram crer, *igual para todos*, e assim julgando-se a *coberto dela* no seu *direito*, não reparou que esse direito *vai lezar* as regalias da classe que forjou os codigos para salvaterio proprio; e, nestas circunstancias, quando menos o espera, lá se abre um alçapão na lei e adeus razão ou justiça do injenuo pleiteante que, apesar de tudo, vai *sempre pagando*, até mesmo para os seus juizes lhe *fazerem justiça!* E mais uma vez deparamos com o *roubo*. Que te parece, Anibal?

— Isso ás vezes acontece, obtemperou este. Mas em todo o caso as leis garantem a vida das sociedades. Sem elas não sei o que seria. Eu quero crer, creio mesmo na sinceridade das intenções do lejislador...

— O lejislador não faz leis senão as que salvaguardam os interesses da classe dominante. E como esses interesses são opostos aos da lejião dos dominados, segue-se que estes se encontram roubados tambem no seu direito ou na sua justiça... Pois todas as roubalheiras, todas as tratantadas de que te falei ha pouco não estão, porventura, escudadas com a letra dos codigos?

Vai dizer aos da tua equalha que são verdadeiros roubos os seus actos e ladrões os que os praticam; e esses tais, mesmo *com o codigo na mão*, te metirão na cadeia!

beça doirada entre as minhas mãos ardentes e convulsas e, por única resposta, beijei-a sofregamente, impetuosamente, furiosamente, nos olhos, nas faces, na boca, na garganta... Pobre criança! Pai, Família, Deus! Que me importava tudo isso? Só o Amor é inviolável e santo, intransgredível e soberano!

E ali mesmo provámos, no silêncio e na treva da noite primaveral, a suprema ventura proibida. O ceo abria-se, resplandecia sobre as nossas cabeças unidas no estasis glorioso como um grande palio estrelado. As rosas esfolhavam-se, ajitadas pela aura noturna, sobre a onda fulva e radiante dos seus cabelos esparsos, sobre a sua face transfigurada e sem côr, sobre as suas mãos, sobre a sua boca, sobre o seu colo, sobre todo o seu corpo desfalecido e melindroso, enfim, como numa gentil e suprema homenagem da Natureza vitoriosa...

JOSÉ BACELAR.

Factos e comentarios

A perseguição aos anarquistas

Na generalidade, quando um rei ou presidente da república se desloca da sua nação, quem paga as favas são os *pequenos*.

Assim, mal se projeta uma viagem, logo a policia fareja, busca e rebusca e, *zás...* engaiola a torto e a direito. Se não encontra, inventa; se não inventa aqui... inventa ali...

E' que o caso é muito serio e a viagem dos cabeças coroadas ou enchapeladas não se realizaria, se não se prendessem anarquistas!

Sejam-o ou não o sejam, professem ou não professem ideias avançadas isso não importa.

O terror ha-de acentuar-se primeiro, para o cortejo, monarquico ou republicano, poder seguir.

E lá vai rodeado de tropas e baionetas!

O diacho é que no meio de tantas prisões e de tantas medidas, reis e presidentes tem havido, que não escapam!...

E' que a justiça prende ás vezes os falsos e... deixa ficar cá fóra os verdadeiros!

O protesto dum condenado

O ex-sarjento Abel Sequeira de Paiva envia-nos do estrangeiro cópia duma carta que dirijiu ao presidente da República protestando contra a sua condenação, em 11 de dezembro, pela «justiça» militar, a 3 anos e 1 dia de presidio militar, seguidos de igual tempo de deportação, e a baixa de posto, e contra igual condenação infligida ao velho 1.º sarjento reformado Severiano José Pinto da Mota, que deixou ao desamparo um bando de filhos.

O ex-sarjento Paiva afirma que a sentença foi pronunciada sem provas, causando o protesto de todos os revolucionários civis e militares de Lisboa e clama a sua esperança num «novo mundo onde já não ezista o privilégio entre os seres humanos; onde tenham acabado para todo o sempre a tirania, a escravidão, o vilipêndio e, sobretudo, a exploração do homem pelo homem».

Sentimos que a falta de espaço nos véde a reprodução íntegral do estenso e vibrante documento.

Até quando?

Continúa encerrada, por ordem do governo, a Caza Sindical.

Estão, assim, inibidas de funcionar as numerosas associações operárias ali instaladas, o que para as mesmas representa um manifesto prejuizo.

Estamos ou não em pleno rejime de despotismo?

Em que se baseou o governo para tomar tão violenta medida? Em que se baseia o governo para a mantêr, apesar dos justos protestos de toda a

gente sensata? Até quando continuaremos em tão estranha situação?

Como o grande Elias...

Sua católica majestade de Espanha, Afonso XIII, foi até Paris,

Lendo as gazêtas burguêsas, julgáramos que êle foi ali recebido pelo povo como... o grande Elias. Bandeiras por toda a parte, vivas, fôgetes, musicata... Engano. O povo parisiense nem sequer teve a honra de lobrigar o *sinpático* rôsto de sua católica majestade, pela simples razão de o ocultarem, ciosamente, ás vistas dos miseros mortais, com uma dupla floresta de espadas e baionetas...

Sabêmos ainda que o operariado francês, representado pela sua parte mais intelijente e conscienciosa, lhe prestou, junto da embaixada espanhola, a mais retumbante das homenajens que lhe podia prestar...

E' que os crimes de Montjuich, as infâmias da *Mão negra*, e o cobarde assassinato de Ferrer ainda não fôram esquecidos, católica majestade.

Nem o serão tão cedo, póde crêr!

Terceiro congresso sindicalista

Deve reunir-se, dentro de breves mêzes, em Lisboa, o 3.º congresso sindicalista.

Nêle tomarão parte delegados da Confederação Geral do Trabalho de França, o grande baluarte do proletariado francês, além de outros nomeados pelas colêktividades operarias espanholas.

Pelos assuntos a discutir e pelo valor dos camaradas que nêle tomarão parte, é de esperar que o 3.º Congresso Sindicalista Português revista extraordinária importancia e escêncional brilhantismo.

A República e o proletariado

Mais uma violencia

São presos em Elvas 33 trabalhadores rurais

Continuam as violencias. Portugal, dia a dia, mais se aproxima da Russia, politicamente falando.

Isto é de mais. Cansa o mais paciente. E' preciso, é indispensavel que o operariado, que tudo póde, querendo, se manifeste, dalgum modo, com a precisa energia, contra estes consecutivos atropelos á liberdade. Tal situação, com franqueza, é que não pode nem deve continuar. E', antes de tudo, uma questão de dignidade que a todos se impõe.

Mas vamos ao facto.

Há já tempo que os trabalhadores rurais de Elvas preparavam um movimento grevista tendente á melhora da sua miserima situação. Ha pouco, porem, e conforme resolução tomada entre delegados de todos os sindicatos rurais daquela rejião, foram presentes ao administrador do conselho as suas reclamações, as quais, escusado será dizê-lo, não foram atendidas, visto os patrões terem declarado não poder, nesse momento, aumentar os salarios. Em face desta atitude resolveram os infelizes trabalhadores proclamar a greve geral.

Pois no passado dia 8, quando algumas comissões se dirijiam a comunicar aos seus ca-

O QUE OS MESTRES NOS TEEM ENSINADO

Falam os politicos

E' indispensavel dizer ao povo que ha uma mentira religiosa, mas tambem que ha uma *mentira politica* e uma infamissima mentira economica, que não póde sêr resolvida com méros paliativos.—**Fernão Boto Machado.** (*Sessão da Caixa Economica Operaria em 26 de maio de 1910*).

«A casta dos politicos é das piores que ezistem. Ou seja Republica ou Monarquia, se o povo não estiver educado não póde resistir contra as traficancias dos mandantes.» **Bríto Camacho,** (*no comicio de Setubal em 12 de junho de 1908*).

«A Republica não é uma forma de governo nova nem perfeita.»—**Ana de Castro Osorio.** (*Sessão inaugural da Liga das Mulheres Republicanas, em 31 de agosto de 1908*).

... «O Estado, como se demonstrou já, criou-se pela fôrça e pela fôrça se sustenta. Sempre e em toda a parte a fôrça... Só na Anarquia está a Liberdade e a Paz dos Homens... O anarquismo quer que as relações entre os individuos se manifestem pela solidariedade, ou, juridicamente falando, pelo costume; s ja portanto a legitimidade da lei...» (Da revista *Luz e Vida*, publicada em 1905).—**Alfredo Pimenta.**

«Todo o homem que tem fundilhos nas calças não devia ser politico.» **Teófilo Braga.** (*Conferencia na Sociedade de Geografia de Lisboa, em 1908*).

«O Estado é inimigo do homem, o Estado é o capital, o clericalismo e o dominio militarista.»—**Lopes de Oliveira.** (*A Justiça e o Homem, pag 96*).

«A lei é o instrumento de opressão dos grandes contra os pequenos.»—**Manuel d'Arriaga,** presidente da Republica Portuguesa. (*Conferencia no Centro Elias Garcia, em 18 de maio de 1910*).

«Não esperem que os monarquicos façam a Republica. E aquêles d'entre os republicanos que sejam operarios, não esperem que a burguezia republicana lhes faça presente da emancipação a que aspiram.»—1906.—**Bríto Camacho.**

«... Emancipação POLITICA, economica e religiosa é, no fundo, uma e a mesma questão. Querer separá-las, é falsear a lójica, é violentar a razão.»—**Magalhães Lima** (artigo intitulado *Sejam coerentes*, num folheto, em 1908).

«No ultimo momento vi, através das perturbações, um esbôço de organização que estou lonje de combater. E' um indicio seguro de que as classes se unem, e dêssa união nascerá a disciplina... Aconselho a organização das classes trabalhadoras, porque foi a organização e união que deram a grande fôrça ao partido republicano.»—**Bernardino Machado.** (*Discurso no Centro Alferes Matheiro*).

maradas de varias herdades, viram-se, de subito, envolvidos por forças de lanceiros que logo os prenderam, encerrando-os na prisão militar do concelho.

São mais trinta e três homens que, por pedirem mais umas migalhas de pão, se encontram em ferros da Republica—desta *liberal* republica que tantos sacrificios e tanto sangue custou ao povo trabalhador!

Entre os presos figuram os presidentes dos sindicatos de Vila Boim e Terrujem.

Não será de admirar—presentemente de nada nos admiramos...—que os pobres trabalhadores sejam apodados de conspiradores contra o rejime ou pelo menos, de pagos pelo *dinheiro* da traição...

Simplemente infame!

Contra "El Libertario"

Continua este nosso presadissimo colega da imprensa anarquista espanhola sujeito ás mais revoltantes perseguições das respêtivas autoridades.

Segundo lemos numa circular que *El Libertario* nos enviou e que acabamos de receber, os camaradas que compõem o grupo editor daquele jornal, apesar de todos os seus esforços, não conseguiram encontrar nas Asturias, como em Gijon, tipografia alguma que lhes imprimisse *El Libertario*.

Como o companheiro Soáres intentasse realizar uma confe-

rencia explicativa da perseguição sofrida, foi preso e conduzido ao carcere da vila por ordem do juiz do Oriente.

Os nossos camaradas, tão injusta e vilmente perseguidos, pensam em fazer publicar *El Libertario* em Madrid, de 10 a 15 do corrente.

ATENÇÃO

Tendo terminado com o n.º anterior as assinaturas do trimestre, prevenimos pela segunda vez os nossos assinantes de que não recebendo aviso em contrario até 20 de corrente, consideramos renovadas as suas assinaturas e mandaremos proceder á cobrança de segundo trimestre.

Os agentes e assinantes que ainda não liquidaram as suas contas desde o 1.º n.º do nosso jornal ficam prevenidos de que suspendemos a remessa dos jornais e de que nos veremos forçados a publicar os seus nomes como nossos devedores, quando tivermos de apresentar o nosso balancete, o que faremos em um dos proximos numeros.

AVISO

A nossa administração encontra-se aberta todos os dias uteis das 19 horas ás 22 e aos domingos das 13 ás 16 horas.

BIBLIOGRAFIA ANARQUISTA

«Terra Livre» propõe-se realizar uma exposição de todas as publicações libertárias editadas em português

Dizia-se, em tempos idos, que, em Portugal, não havia anarquistas. Depois que a monarquia foi substituída pela República—persiste por parte de certas criaturas que parece comprazerem-se em fechar os olhos á luz da verdade—a mesma opinião. Ou por isso, velhacamente, ou, inconscientemente, por ignorância absoluta do que somos e do que queremos, do que é o ideal que defendemos e de quais são as suas finalidades. Para estes, os ignorantes, só ha anarquistas em França, em Espanha, na Italia, onde os respetivos governos, de braço dado com a policia, fabricam, amiudadas vezes, bombas... libertarias.

Ora, para demonstrar, com a suprema elocuencia do facto, que, em Portugal, ha e, de ha muitos annos, sempre houve anarquistas, gente que, pela educação, pela associação aspira á conquista duma sociedade onde o bem-estar de uns não represente a opressão, a miséria, a fome e as lagrimas dos outros—como no presente regimen, lembrou-se a *Terra Livre* de levar a efeito, entre nós, a realização duma exposição de bibliografia anarquista, que, certamente, muito virá concorrer para a divulgação do ideal.

Mas, para que a nossa iniciativa obtenha o resultado preciso, torna-se necessaria a cooperação de todos os bons camaradas, de todos aqueles que devotadamente lutam pela conquista de melhores dias para todos os que sofremos o jugo infame da burguezia.

Deles solicitamos o seguinte: que nos cedam, por emprestimo, um exemplar de cada publicação anarquista que possuam em português ou traduzida para português, com a mais brevidade possivel, a fim de organizarmos um catalogo suficientemente elucidativo dessa exposição.

Inutil será dizer que, para o efeito, tudo agradecemos: livros, folhetos, jornais, manifestos, cartazes.

Certos estamos de que esta nossa iniciativa será devidamente acolhida por todos os que como nós, veem sinceramente lutando pela emancipação integral de todos os que trabalham e de todos os que sofrem.

Pelo Algarve — Gréve dos soldados

Temos em nosso poder uma correspondencia de Portimão que não pudemos hoje publicar por ter chegado tarde á nossa redação. Ocupa-se da greve dos soldados do Algarve e responde com energia a umas falsas noticias, cheias de hipocrisia e de veneno, que sobre o caso vieram publicadas na «Alma Algarvia», de Portimão.

No proximo número daremos aos nossos leitores a interessante e vigorosa correspondencia.

Cuanabarinas

Rio de Janeiro, 15 de abril.

A Republica Brasileira é uma Republica suculenta!

Eu não sei quem disse isto. Sei que é muito bem dito. E' uma definição completa, clara, conciza, precisa. E' uma síntese... O cerebro que a forjou, não o sei eu. Ninguém sabe. E' uma sentença anonima. As grandes verdades são sempre anonimas... E essa foi a maior verdade que já se disse da Republica Brasileira. E' o qualificativo-luva:

— Suculenta!...

Ha aqui uma duzia de sujeitos teimozos que se não querem convencer da falencia do regimen. Não ha meio... Diante da evidencia dos factos, eles respondem romanticamente que não foi esta a republica que sonharam na propaganda. «Isto é obra dos falsos republicanos. O regimen tem sido desvirtuado.» E apontam, como exemplo de boa interpretação, os Estados Unidos, a França, a Suíça...

Ora, eu estou certo de que os republicanos sonhadores de Portugal dizem a mesma coisa. E estou certissimo de que eles incluem, na lista dos bons exemplos, a Republica dos Estados Unidos do Brasil... Não é verdade?

Pois bem. E' a esses tais romanticos de além-mar que eu quero dar uma amostra dos costumes politicos desta suculenta Republica. Atendei um instante, ó sonhadores da Rotunda!

Toda a vida politica do Brasil, neste momento, gira em torno da «sucessão presidencial.» Ainda em meio do seu governo, o Marechal Hermes é já um homem semi-morto. E' o astro em declínio... Ninguém mais lhe dá grande atenção. Todas as vistas estão voltadas para o futuro hospede do Catete. Quem será ele? Isto é o que importa. E a azafama é enorme. Enorme, mas cautelozza. Toda a gente quer ser contribuinte no successo eleitoral... do vencedor.

Entre os «paredros», porém, é que a luta é interessante. Ha uma dezena de candidatos cultos. Trabalham, todos, na sombra. Pelas costas uns dos outros. Atraz das cortinas. Abertamente, nenhum é candidato...

— Ah! eu não aceito... Absolutamente. Não trato disso... Dou-lhe a minha palavra. Creia. Eu não sou candidato... Depois... sabe... eu tenho que acatar o candidato do meu partido... A disciplina...

Assim... Ninguém deseja o «posto de sacrificio.» Ninguém. Mas, por causa das duvidas, cada qual se esforça por utilizar os rivais... A mentira, o

embuste, o suborno, a traição... tudo são armas que entram em cena. E' um perfeito concurso de velhacaria. E é uma luta toda pessoal: Pinheiro... Dantas... Nilo... Rui... Rodrigues Alves... Lauro Muller...

O que é facto é que a campanha eleitoral promete mosquitos por corda. Acabará em tragedia? Acabará em farça? E' difícil prever... Eu, no entanto, tenho um palpite. Creio num acordo. Creio num candidato de conciliação. Será a solução mais pratica... para eles: poderão, todos, assim, gosar tranquilamente as suculencias apetitosas desta suculenta Republica... Além disso, um tal acordo daria para um magnifico fogo de vista: «o congratamento da familia republicana»... «a salvação da patria»... Isto seria de efeito seguro. Os papalvos deixam-se sempre seduzir pelas grandes frases...

Mas, tragedia ou farça, a peça já entrou em ensaios de apuro. Anuncia-se para breve a representação dos dois primeiros actos: as duas convenções nacionais. (Notai isto: ambas são «nacionais»...) Cada convenção escolherá o seu candidato, indicando-o á nação como o homem capaz de concertar esta «encrenca». Depois haverá o terceiro acto: a eleição. Este acto é o mais curioso... Só assistindo-o. E' um assombro! E depois da eleição, haverá o reconhecimento, e a posse, e o avanço...

E o povo, em tudo isso...?

— Ah! o povo!... Não sabeis da frase de Aristides Lobo? Pois é: o povo continúa bestializado...

Astrojildo Pereira.

Crónica internacional

EM FRANÇA

— Vocês lembram-se do tam falado incidente de Nancy, que azedou ha pouco as relações franco-alemãs? Pois, segundo o próprio Drumont, profissional do patriotismo, a versão ezata é esta: «... Os officiais alemães vindos a Nancy sem licença questionaram com mulheres fáceis, que queriam ser remuneradas pelas suas amabilidades...» *L'Intransigeant* acrescenta que, em defeza das damas ou da dama, acorreram «alguns... defensores de boa vontade, que no caso ajiram muito mais por «cavalaria» do que por patriotismo».

Hein? que tal, o incidente... patriótico? O que faltava é que os dois grandes povos viessem a bater-se por uma disputa entre sacerdotizas de Vénus e seus sacristães de um lado, e do outro alguns devotos que queriam... uma borla!

— A viagem do rei de Montjuich a Paris deu causa a numerosos protestos, na imprensa e na rua, contra a afrontosa visita. Como escreveu *La Lanterne*, pouco suspeita de revolucionarismo, o povo parisiense não tomou parte na recepção, pois ainda lhe não esqueceu o assassinato de Ferrer, nem o caso Queraltó lhe permitiria tal esquecimento. Demais, o povo nem sequer viu o «hospede do governo»,

tam formidavelmente guardado e sequestrado ele foi! A cautela, o conde de Romanones, o grande metalurgico enobrecido, companheiro do réjio viajante, tinha feito testamento antes de partir!... Como eles se sentem seguros!

A despeito do enorme desdobramento de forças policiais, a despeito do estado de sitio de facto, foi feita a manifestação popular de protesto diante da embixada espanhola.

Para agradar ao seu hospede, o governo francês mandou eféuar numerosas prisões, inventar *complots* e apreender *La Bataille Syndicaliste*, caso raro em França. Contra isto, lavrou *Le Radical* um enérgico protesto, considerando a apreensão do diário sindicalista «uma vergonha e uma infâmia» sem querer saber «o que podia conter o numero incriminado.»

Esse numero incriminado temo-lo nós: na verdade, sempre é bem mais violento do que os calmos e ponderados jornais revolucionarios de Lisboa, nestes principios de Maio...

NA SUIÇA

parece querer-se confirmar cada vez mais o juizo dela feito pelo grande republicano Mazzini: que é a serva de todos os tiranos da Europa. Alma de laçao e de hoteleiro, a Suíça burguesa e official—o país de Guilherme Hotel, e não já de Guilherme Tell—é servil para com os potentados, como o provam as amiudadas espulsões e estradições de refujiados politicos.

Pedro Kropótkine foi espulso da Suíça há 32 anos. Pois agora, voltando lá para tratar da sua saude em Locarno, velho, com um grande nome na ciência, honra da especie humana, digno de todos os acolhimentos carnhosos e desvanecidos, é avisado pelas autoridades de que só poderá permanecer três meses no país! Aquilo é um hotel rico e confortavel, mas é para quem paga bem, para os reis como o Pedro da Sérvia, para as notabilidades burguezas, réjias e aristocráticas.

O escandalo, entretanto, bradou de tal modo aos céus que logo os habitantes de Locarno dirijiram ao conselho federal uma petição apoiada pelo próprio governador do cantão do Tessino para ser revogado o estúpido decreto de espulsão que o governo suíço, por vergonha, não devia jámais ter desenterrado do pó e tornar lembrado—como quem espõe uma velha chaga.

A propósito deste caso, recordemos a passagem em que, nas suas memorias: *Em volta duma vida*, Kropótkine se refere á sua primeira espulsão: «Alguns meses depois da morte de Alexandre II, fui espulso da Suíça por ordem do Conselho federal. Não me affiji. Atacado pelos governos monárquicos por via do asilo oferecido pela Suíça aos refujiados politicos, ameaçado pela imprensa official russa de ver espulsar todas as amas e criadas suíças, numerosas na Russia, o governo suíço dava, banindo-me uma especie de satisfação á policia russa. Mas lamentei muito esta medida pela propria Suíça, pois assim sancionava ela a teoria «das conspirações fomentadas na Suíça» e confessava uma fraqueza de que os governos tiraram logo proveito. Dois anos depois, quando Julio Ferry propôs á Italia e á Alemanha a partilha da Suíça, se serviu deste argumento, reconhecido antes pelo próprio governo suíço: que a Suíça era um foco de conspirações internacionais. Esta primeira concessão trouxe reclamações cada vez mais arrogantes e comprometeu certamente a independencia da Suíça muito mais do que se o Conselho federal tivesse resistido com dignidade ás ezijências do governo russo.»

NOS ESTADOS UNIDOS

onde as greves são frequentes e frequentemente assumem um carater violento, mesmo quando sustentadas pelos mais páldos reformistas, acabou ha pouco, segundo noticiam de Charleston, capital da Virjinia occidental, uma greve notavel por ter durado mais de um

A greve geral Belga

Todos os que desejariam ver o proletariado encaminhar-se todo pela via enganadora e nefasta da ação parlamentar e do democratismo nos apontam agora como grande exemplo — de ordem, de cordura, de pacifismo, de disciplina — a grandiosa greve geral realizada na Bélgica para a conquista do sufrágio universal puro e simples (cada homem, um voto), ou mais exatamente, para a conquista do poder por parte dos liberais e dos sociais-democratas.

E não admira. O fim é todo democrático e paz social, e uma greve por ele orientada é um verdadeiro regalo para o bom coração da burguesia liberal. E demais, a greve geral belga merece o aplauso dessa burguesia porque não foi um episódio da luta de classes, mas um ato em que duas classes inimigas colaboraram — impondo o aliado liberal a não paralisação dos grandes serviços públicos; e mereceu a benevolência pachorrenta do governo belga e do seu partido, porque... não os feriu a eles, mas exclusivamente os próprios grevistas e seus aliados! Se não, sempre haveria pretexto para violências...

Com efeito, a greve geral *democrática* não passou afinal dum platônica manifestação domingueira — manifestação, aliás, sem cortejos públicos, a não ser onde, como em Bruxelas, os grevistas precisavam de se mostrar para que não pasassem inteiramente despercebidos! A impressão sentida pelos jornalistas era a que dão as cidades aos domingos: a "greve" era uma simples folga dominical. Os serviços de transportes, luz, correios, etc., não pararam.

Dirijida contra o governo e a burguesia clericais, a greve

belga não os atinjuu, porém. Não se estendeu aos campos, onde os padres teem a maior força; não abranjeu as indústrias das rejeições onde os patrões são clericais e onde os salarizados se agrupam em associações católicas. A greve só prejudicou os próprios grevistas, os patrões liberais, que, salvo raras exceções, apoiaram tácita ou espressamente o movimento, e o pequeno comércio, vítima das menores perturbações. Os que tanto acusam a greve de ser "arma de dois gumes" — como se o operário tivesse uma de um só gume contra o inimigo! — deveriam reprovar a arma usada pelos belgas, arma cujo único gume só cortou os maneja-

Muito outra é a verdadeira greve geral *proletária*. Esta desfaz todos os equívocos, não admite colaborações nocivas e assume logo o aspeto e a impressão de luta. O seu maior empenho é precisamente suspender os serviços essenciais, os que se referem á força motriz, á circulação dos produtos, á vida de relações. E vai diretamente ao alvo, pois ataca os próprios patrões dos grevistas ou, por meio deles, o governo que desses patrões é guarda. Os inimigos são assim colocados face a face. E eis porque a burguesia de todas as côres, então unida e solidária, acha o caso gravíssimo e trata de reprimir sob todos os pretestos.

A "greve geral" belga teve apenas o valor de um grande comício, que os dirigentes trataram de dissolver em boa ordem, logo que o governo soltou uma vaga promessa verbal.

Não confundamos duas coisas bem diversas.

Neno Vasco

O sindicalismo no Brasil

O último método de ação operária até hoje conhecido, o bisturi moral que, dentro da luta de classes contra a exploração patronal, vai autopsiando a obra perniciososa, a influência egoísta e interesseira dos mandriões do socialismo parlamentar no seio das classes trabalhadoras; o sindicalismo, em suma, que hoje constitui uma força proletária em quasi todos os países da Europa e das duas Americas, vai também ficando no Brasil — *no país da liberdade* — o seu marco de guerra ao mundo explorador e à súcia nojenta dos *furões* das grandes e pequenas colétiuidades obreiras que, pela falta absoluta de conhecimentos, os admitem nas suas diretorias e nos seus movimentos, aplau-

dindo o seu bacharelismo carnavalesco, ou enfadonha *retórica operária*, enaltecendo os seus atos de filantropia da semana santa, sujestionando-se, pelo seu palavriado confusonista, conservando-se, por isso, no mais deplorável indiferentismo, depositando inteira confiança nesses tipos, em todos os momentos e mórmente quando por ocasião de movimentos grévistas que sempre lhes trazem os piores resultados.

Mas... sou ainda mui recruta, tanto na prática como na teoria, para pretender estender-me em considerações sobre a luta entre o capital e o trabalho, orientada pelo principio sindicalista.

Ezistem atualmente no Brasil as seguintes associações assentes nas bases do sindicalismo, muitas das quais teem

obtido grandes melhorias para as suas classes, especialmente em Santos e Porto Alegre, onde quasi todos os trabalhadores conseguiram as 8 horas de trabalho, e em Santos, alguns o salário mínimo.

Rio de Janeiro — Sindicato dos Operários da Indústria Elétrica, Sindicato dos Operários das Pedreiras, Sindicato Operário de Ofícios Vários, Sindicato dos Sapateiros, Sindicato dos Carpinteiros, Sindicato dos Estudadores, União dos Alfaiates, União geral dos Pintores, Sindicato dos Funileiros e Bombeiros Hidráulicos, Centro dos Operários Marmoristas, e Associação Operária Independente — que formam a Federação Operária Local.

Cojita-se atualmente em organizar os pedreiros, ladrilheiros, e serventes de pedreiros e estucadores — afim de fundar-se a Federação da construção civil — e outras classes.

S. Paulo: (1)

Capital: — Sindicato Operário de Ofícios Vários, União Gráfica e Sindicato dos Pedreiros, Estucadores e Serventes.

Os companheiros de lá trabalham para a organização de outras classes.

Santos: — (a Barcelona do Brasil): Sindicato dos carroceiros e chauffeurs, Sindicato dos ternos de Embarque de Café, Sindicato dos Pintores, Sindicato dos Pedreiros e Serventes, Sindicato dos Canteiros, Sindicato dos trabalhadores das Docas, Sindicato dos Estivadores, Sindicato dos Carpinteiros, Sindicato dos empregados das estações do Caminho de Ferro, Sindicato dos Trabalhadores do Moinho Santista, Sindicato dos Ferreiros e Serralheiros, e Sindicato dos Ternos de Ensaque de Café. — que formam a Federação Operária Local.

Sorocaba: — União Operária.

Rio Grande do Sul

Porto Alegre: — União Operária Internacional, *Algemeiner Arbeiter Verein*, União dos Pedreiros e Ancesos, União Metalúrgica, União dos chapeleiros, União Tipográfica e Sindicato dos Pintores.

Cidade do Rio Grande: — União Operária.

Sant'Ana do Livramento: — Federação Operária Local. (2)

Pelotas: — Sindicato dos Sapateiros (3)

A maioria destas sociedades formam a Federação Operária do Rio Grande do Sul.

Baía

Capital: — Sindicato dos Mecânicos.

Alagoas

Maceió: — Sindicato Gráfico (editor do periodico *O Sindicato*) Sindicato dos Alfaiates e Sindicato dos Sapateiros.

Pará

Belém: — Centro Sindicalista das Classes Trabalhadoras do Pará.

Por esta estatística acabamos de concluir que os forjadores do falso 4.º "Congresso Operário Brasileiro" pouco ou nada levarão de vencida.

(1) Ha anos passados, as organizações operárias da cidade de S. Paulo foram dissolvidas pela violência policial.

(2) O movimento, porém, resurje agora com todo o vigor, fazendo tremer de novo os escravocratas — fazendeiros daquele Estado.

(3) Ignoro o número de associações filiadas nessa Federação; mas, segundo consta, é bem regular.

(4) O número de mulheres associadas neste sindicato é elevadíssimo,

A obra do 1.º congresso que aqui realizámos em 1906, generalizou-se. A semente germinou. E a obra do 2.º que aqui também se deve reunir em junho ou julho deste ano, irá levar a propaganda mais além. Conseguirá novas e importantes adesões e para disso nos convenceremos basta a simpatia com que foi acolhida a ideia de um 2.º congresso por grande número de associações ainda não sindicais, de todo o país, e os protestos de solidariedade enviados pelas mesmas á confederação Operária Brasileira e ao seu órgão oficial *A Voz do Trabalhador*.

De derrocada em derrocada, os máus pastores irão deixando *soldados no campo da batalha*; e nós teremos cumprido a nossa missão, não deixando porê de proseguir na luta, pela conquista do novo e super-luminoso sol que já esparje a sua luz vivificante nos horizontes da humanidade futura.

Rio de Janeiro — Abril de 1913.

Santos Barbosa.

A propaganda

Organização anarquista

— **Centro dos Estudos Sociais.** — Acaba de ser fundado no Rio de Janeiro este centro que pede aos editores dos periodicos anarquistas em língua portuguesa que lhe enviem, para a sua biblioteca, um exemplar de cada numero. Endereço: «Centro dos Estudos Sociais» Caixa postal, 1427, Rio de Janeiro (Brasil).

Varias noticias

● Os grupos *Audacia Avante*, de Chaves, e *Avante pelo Futuro*, de Vidago, acabam de publicar um enerjico e bem redijido manifesto contra infamissimas insinuações feitas pelo *Republicano*, de Chaves, contra alguns dos nossos camaradas que tomaram parte no comício anarquista efetuado naquela vila.

Muito bem. E' assim que se desmascaram todos os tartufos!

Aos agentes da provincia, Ilhas, ultramar e Brasil

Pedindo mais uma vez aos nossos agentes que liquidem as suas contas relativas ao mez findo, para boa regularidade da administração do jornal, prevenimos os que estiverem em atrazo para conosco que o deverão fazer imediatamente afim de não sofrerem interrupção na remessa do nosso semanario.

Deverão também enviar as sobras, as quais devem trazer junto ao endereço o nome de quem as remete e a localidade de onde são enviadas.

Que os nossos amigos tenham sempre de lembrança que *Terra Livre* obra de ideia e não de comercio, conta apenas para se manter com o producto da venda dos seus exemplares e dos esforços dos camaradas.